

OS DIZERES SOBRE A VOZ EM NOSSOS TEMPO E TORRÃO:

uma análise discursiva de textos da mídia brasileira contemporânea que falam da voz

Carlos Piovezani

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar

INTRODUÇÃO

O projeto pretende analisar discursos sobre a voz produzidos e/ou veiculados pela mídia brasileira contemporânea e materializados nos textos de jornais e revistas de circulação nacional. Com base na Análise do discurso, buscaremos identificar o que se diz sobre a voz e como são formulados os enunciados a seu respeito. Mais precisamente, nosso propósito é o de responder às seguintes questões: o que, como e por que se fala da voz na imprensa nacional? Quais são e de quais campos provêm os enunciados retomados, reformulados e apagados, quando ali se fala da voz? Fala-se igualmente da voz na mídia, quando de sua presença em distintos campos institucionais e em veículos mais ou menos progressistas ou conservadores?

CORPUS

O corpus é constituído por textos dos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Brasil de Fato* e das revistas *Veja* e *Carta Capital*, publicados nos últimos cinco anos.

UM EXEMPLO: A VOZ E AS MÁQUINAS

Em dois textos publicados respectivamente nas edições dos dias 29 de maio de 2010 e 14 de setembro de 2013 do jornal *O Estado de São Paulo*, “A morte da voz humana”, de João Marcello Bôscoli, e “União Europeia e Microsoft investem em tradutores”, de Thomas Schultz, materializa-se um discurso que relaciona a voz às máquinas e no qual se afirma que a passagem da primeira pelas últimas a deturpa.

O procedimento de análise aqui adotado permite identificar unidades discursivas em torno da voz, sem, contudo, deixar de considerar suas diferenças. Em ambos, a voz é um traço da humanidade, sobre a qual o uso de equipamentos eletrônicos que a medeiam e modificam causa graves danos. No texto de Bôscoli, a condição humana é atrelada à força e beleza da imperfeição da voz:

Se ouvir Stevie Wonder ao vivo, ouvirá ‘imperfeições’ e igualmente sentirá que sua emoção, genialidade e carisma existem - sem o software de afinação; ao passo que a voz perfeita, porque deturpada, é decepcionante, quando descoberta, e mentirosa, quando não. (...) é comum notarmos a decepção da plateia quando ouve ao vivo um cantor que gravou digitalmente dopado, com a voz corrigida pelo computador. (...) gosto muito do auto-tunning quando usado às claras, como efeito na voz, a serviço da música. Creio que em arte, ao contrário da medicina, por exemplo, a liberdade deve ser total. De preferência sem fraude. Uma coisa é usar a tecnologia como extensão do talento de determinado artista; outra é usá-la para esconder a falta de talento.

Constatamos ali as equivalências semânticas entre, por um lado, “imperfeição da voz”/“emoção”/“genialidade”/“carisma”/“sem software de afinação” e, por outro, entre “decepção”/ “um cantor que gravou digitalmente dopado”/ “voz corrigida pelo computador”/ “fraude”/ “esconder a falta de talento”. Além dessas equivalências construídas pelo discurso, ele também determina as escolhas lexicais, as formas remissivas e as modalidades enunciativas do texto.

Por sua parte, Thomas Schultz fala igual e diferentemente de imperfeições da voz na máquina: “A Microsoft também lançou um projeto de tradução. No ano passado, Rick Rashid, chefe das operações mundiais da Microsoft Research, anunciou o resultado numa conferência na China. Rashid falou em inglês, e um computador da Microsoft traduziu simultaneamente suas palavras para o mandarim – não com uma voz monótona e fraquinha, mas com a voz do próprio Rashid (...). A máquina ao menos captou uma lasca de humanidade.” Ademais, o enunciativo trata ainda de algo silenciado no texto de Bôscoli, em que não se encontra referência alguma ao mercado e ao capital: “Será que o Google quer conseguir um monopólio da comunicação humana e a supremacia sobre a interação global? (...) Seu mecanismo de busca e serviço de e-mail são gratuitos, por enquanto. Mas eles também proporcionam centenas de milhões de usuários e seus dados ao Google.” Além da imperfeição da técnica sob a forma de uma “entonação” inexistente, Schultz aponta para o desejo do “monopólio da comunicação humana” e da “supremacia sobre a interação global”. As paráfrases entre os enunciados produzem tanto a equivalência entre “a voz do próprio Rashid” e “uma lasca de humanidade”, quanto a reconfiguração semântica da locução “ao menos”; esta última não apenas retoma a superioridade da tecnologia da Microsoft, mas também remete ao ávido apetite do mercado encarnado em ambas as companhias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.
- PIOVEZANI, C. *Verbo, Corpo e Voz*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SOUZA, P. A voz em desatino: dizer a si na palavra cantada. In: BALDINI, L.; ABRAHÃO e SOUZA, L. M. (org.) *Discurso e Sujeito: trama de significantes*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 99-120.